

# Runa

Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos

## A Áustria de 1945 aos nossos dias

Antologia literária bilingue  
Estudos de literatura e cultura  
Entrevistas

23-24

1995



## Elegia de Böcklinstraße. Memórias

Tradução de Maria António Ferreira Hörster

(...) Não pára de me surpreender a abertura muito maior com que as pessoas na Áustria agora falam umas com as outras. “Eu sou judeu” ou “Sou de origem judaica” deixou já há muito de sussurrar-se à boca pequena. Outros, por seu turno, dizem abertamente provir de famílias nazis e o fardo que isso lhes foi. Também não há dúvida que falar de avós ou até de bisavós nazis se tornou mais fácil do que defender os próprios pais pela sua ideologia.

Tudo o que na Áustria há para criticar – e há muita coisa – também apresenta os seus reversos. A xenofobia, acicatada por alguns jornais e pelo partido nacionalista Freiheitliche Partei Österreichs, tem como contrapólo por exemplo o facto de na Arménia, assolada por um terramoto, existir uma “Aldeia da Áustria”, construída há alguns anos exclusivamente com donativos austríacos e por austríacos. Nos campos de refugiados curdos havia dois hospitais austríacos, com enfermeiras e médicos austríacos. E estes são apenas dois exemplos de entre muitas campanhas de solidariedade, desenvolvidas sobretudo pelos nossos jovens.

No dia 21 de Junho de 1991, o primeiro dia do Verão, encontrava-me eu numa bela tarde de sol em Feldkirch, para assistir ao Festival de Schubert. Nesse dia Kurt Waldheim renunciara finalmente à sua recandidatura ao cargo de Presidente da República – e Jörg Haider tropeçara finalmente numa das suas tiradas pró-nazis e fora destituído do cargo de Chefe do Governo da Caríntia.

Nessa tarde eu tive a impressão de que os Austríacos erguiam a cabeça uns centímetros mais acima. Talvez fosse outra vez a minha incorrigível ingenuidade, o meu incurável

mein unverbesserlicher Optimismus. Das Gegenteil von Optimismus aber heißt Kapitulation.

Seit damals hat sich in Österreich wieder viel zugetragen, das jeden Optimismus in Frage stellen könnte. Haider sitzt wieder fest im Sattel, hetzt gegen Ausländer und ekelt die liberaleren Elemente aus seiner Partei.

Auf dem alten, jüdischen Teil des Wiener Zentralfriedhofs kam es im Herbst 1991 zu schrecklichen Grabschändungen. Es hat mich einige Überwindung gekostet, ein paar Tage später dort hinzugehen. Es sind ja auch meine Großeltern dort begraben. Ich hatte Angst vor dem, was ich vielleicht vorfinden würde.

In der großen, langen Allee der Ehrengräber waren Grabplatten aufgestemmt und Grabsteine umgestoßen worden. Ich traf dort ein paar junge Menschen, Kunstgewerbe-Studenten, die beschädigte Grabsteine aufzeichneten, soweit sie noch zu reparieren waren. Das Grab meiner Großeltern liegt weit abseits und war unbeschädigt geblieben.

Ich war dabei, als kurz darauf zehntausend Wiener in strömendem Regen an einem Schweigemarsch gegen den Antisemitismus teilnahmen.

Für mich und meine Generation, die wir die Folgen des Nationalismus und des Rassismus schon einmal erlebt haben, ist diese Zeit besonders beängstigend.

Aber immer wieder kommt es zu Gegenströmungen. Am 21. Juli 1992 war ich dabei, als sich auf dem Heldenplatz fünfzig- bis sechzigtausend, hauptsächlich Jugendliche, zu einer musikalischen Veranstaltung einfanden, um gegen den Fremdenhaß zu demonstrieren. Spät abends sprach Eli Wiesel, Auschwitz-Überlebender und Nobelpreisträger, auf dem Balkon, von dem Adolf Hitler im März 1938 seine berüchtigte "Anschluß"-Rede gehalten hatte.

Seither häufen sich die grauenvollen Nachrichten aus dem ehemaligen Jugoslawien. Was man in Europa seit 1945 nicht mehr für möglich gehalten hätte, erfahren wir täglich aus den Nachrichten.

Bereits in den ersten sieben Wochen der Aktion "Nach-

optimismo. O contrário de optimismo, porém, tem o nome de capitulação.

Desde essa altura muita coisa voltou a acontecer na Áustria, capaz de pôr em dúvida qualquer optimismo. Haider segura de novo as rédeas com firmeza, atíça os ânimos contra os estrangeiros e leva os elementos mais liberais do seu partido a saírem, enojados.

No velho sector judaico do Cemitério Central de Viena registaram-se terríveis profanações de sepulturas no Outono de 1991. Custou-me algum esforço ir lá, passados dias. É que os meus avós também se encontram ali sepultados. Eu tinha medo do que porventura iria encontrar.

Na longa alameda das sepulturas de honra havia campas com tampas forçadas e pedras tumulares pelo chão. Encontrei lá alguns jovens, estudantes de artes e ofícios, a inventariar as lápides danificadas, na medida em que ainda era possível repará-las. A sepultura dos meus avós fica bastante recuada e permanecera intacta.

Eu estava presente quando, pouco tempo depois, dez milhares de vienenses participaram sob chuva torrencial numa marcha de silêncio contra o anti-semitismo.

Para mim e para a minha geração, que já uma vez experimentámos as consequências do nacionalismo e do racismo, estes tempos são particularmente angustiantes.

Mas, sempre de novo, vemos movimentos de sinal contrário. No dia 21 de Julho de 1992, eu estava presente quando cinquenta a sessenta mil pessoas, na sua maioria jovens, se reuniram no *Heldenplatz* para um espectáculo musical de protesto contra a xenofobia. Ao fim do dia falou Eli Wiesel, sobrevivente de Auschwitz e Prémio Nobel, àquela mesma varanda de onde Adolf Hitler, em Março de 1938, pronunciou o tristemente célebre discurso do “Anschluß”.

Desde então acumulam-se as terríveis notícias que nos chegam da ex-Jugoslávia. Aquilo que desde 1945 já não tínhamos como possível na Europa, ouvimo-lo diariamente nos noticiários.

Logo nas primeiras sete semanas da campanha “O teu

bar in Not” hatten Österreicher dreihundert Millionen Schilling gespendet und damit für die Menschen in Bosnien und in den Flüchtlingslagern die ersten tausend Lastwagen mit Hilfsgütern finanziert. Seither hat sich diese Hilfe schon um vieles erhöht.

Samstag, 23. Jänner 1993: wir waren an die 250.000 Menschen, mit Fackeln und mit Kerzen. Wir bekannten uns in einem Schweigemarsch zum Wiener Heldenplatz zu Toleranz und Menschlichkeit. Weitaus die meisten waren Jugendliche. Sie kamen in Gruppen, mit Kindern, die Lampions trugen, mit Kinderwagen. Ein Meer von Lichtern, so weit man sehen konnte.

Auch das ist Österreich.

vizinho precisa de ti”, os austríacos contribuíram com trezentos milhões de xelins, financiando assim o primeiro milhar de camiões com meios de assistência para as pessoas na Bósnia e nos campos de refugiados. De então para cá, este auxílio aumentou já em muito.

Sábado, 23 de Janeiro de 1993: éramos cerca de 250 mil pessoas, empunhando tochas e velas acesas. Numa marcha de silêncio em direcção ao *Heldenplatz* vienense, manifestávamo-nos a favor da tolerância e da solidariedade. De longe o maior número eram jovens. Vinham em grupos, com crianças de lanternas na mão, com carrinhos de bebé. Um mar de luzes, a perder de vista.

Também isto é a Áustria.